



## O fazedor de milagres

O livro de Eugénia Vasques, "João Mota, o Pedagogo Teatral", dá-nos a conhecer, através do seu percurso de vida as transformações mais significativas da estética teatral nos últimos 50 anos e as funções educativas e sociais desempenhadas pelo pedagogo, actor, discípulo e mestre "fazedor de milagres".

Texto de Natália Pais

O LIVRO de Eugénia Vasques tem três pontos de referência fundamentais, cuja leitura se interpenetra e nos conduz a uma melhor compreensão da vida e da obra que João Mota vem realizando: Testemunhos e auto-apresentação (apontamentos biográficos); o pedagogo, introdutor de uma pedagogia criativa; e o actor, em que se inclui a função de autor de actores.

Para os que nasceram na primeira metade do século passado, acompanhar a história de vida de João Mota como ponto de partida para compreender o modo como desempenha, alternada ou simultaneamente, os papéis de autor – actor, ou de mestre – discípulo, sintoniza-nos com as nossas próprias vivências de constrangimento e insatisfação.

Para os mais jovens a referência a esse percurso pessoal e artístico ajuda-os a imaginar as limitações dos modelos sócio-culturais, do convencionalismo burguês, as expressões políticas ligadas a uma guerra insustentável e deslocada no



A sessão do lançamento do livro, no Museu do Teatro, juntou na mesa, da esquerda para a direita, o director do Museu Nacional do Teatro, José Carlos Alvarez; presidente do IPL, Vicente Ferreira; o professor Arquimedes da Silva Santos; a psicóloga Natália Pais; João Mota; o director das Edições Colibri, Fernando Mão de Ferro e a autora, Eugénia Vasques

tempo, as vozes contestatárias, o significado libertador do Maio 68, a responsabilidade assumida nos tempos de mudança, a importância das intervenções renovadoras e criativas, tanto a nível artístico e pedagógico, como social e cultural.

Não fora o modo criativo como ele transformou a experiência de vida pessoal e profissional, na fundamentação de novos valores éticos e estéticos, no domínio das artes, na formação de artistas e na criação de espectáculos teatrais

inovadores, as referências biográficas do livro, perderiam o significado como realidade situada em termos históricos, sociopolíticos, pedagógicos e culturais.

A responsabilização precoce no papel de "homem da casa" num cenário familiar carregado de afectos, a necessidade de exteriorização das suas potencialidades artísticas e humanas, levam-no, desde muito cedo, à necessidade de reflexão, de disciplina interior e de se manifestar num cenário "mítico – religioso", qual Gil Vicente, a escrever e apresentar peças na Igreja da sua terra onde e assumia como o autor, actor e ensaiador.

Justifica-se, assim, também a sua presença nos espaços de produção artística ligada à expressão dramática ou como na época se chamava "arte de dizer", a rádio, o teatro, a televisão, a orientação de grupos teatrais juvenis, onde se identifica com uma das características fundamentais da Pedagogia Activa – *Aprender ensinando e ensinar aprendendo*.

A sua passagem pelo cenário da guerra colonial, pôs à prova a necessidade de confrontação entre a trágica realidade do sofrimento, da solidão e da morte e a necessidade de (re)apresentação, de modo expressivo, autêntico e interiormente vivenciado de tudo o que dissesse respeito à transmissão de sentimentos, à criação de personagens, à comunicação entre os homens.

Um profundo desejo de libertação, de renovação de linguagens, de alteração de conceitos e de concretização de

novas práticas teatrais, levou-o a estabelecer contacto com as figuras mais eminentes da época (Grotovski, Gutkin, Peter Brook) e a partilhar experiências profissionais com artistas de todo o mundo, a familiarizar-se com novas formas de comunicação teatral e sobre tudo a sentir que o acesso a esse tipo de comunicação exigia um percurso pedagógico diferente no que se refere à formação de actores e ao trabalho de formação da sensibilidade dos educandos e do desenvolvimento das suas capacidades criativas.

Dai a sua faceta de pedagogo, com base num conceito de educação radical numa antropologia situada e dirigida ao homem como realidade biológica (corpo, voz, postura); psicológica (desenvolvimento a partir das sensações, da sua

transformação em emoções e sentimentos, em afectos e identificação de valores); e social (necessidade de contacto e comunicação com os outros através de várias formas de expressão, atribuição de significados, invenção de códigos, e criação de novas linguagens).

Podemos dizer que na metodologia criada por João Mota estão contidos os aspectos essenciais das correntes pedagógicas contemporâneas: Pedagogia Activa, Lúdica, Libertadora e Criativa, rumo a uma perspectiva de conhecimento de si próprio e dos outros como condição de interacção social saudável e da formação de uma consciência cívica de carácter universal.

O acesso a essa tomada de consciência cívica / universal será facilitado



João Mota, o editor Fernando Mão de Ferro, e a escritora Eugénia Vasques

## Teorias da Comunicação



CRIAR uma revista de cariz científico na Escola Superior de Comunicação Social foi um projecto alimentado e persegui-

do ao longo dos anos, um tema múltiplas vezes apresentado e discutido em fóruns internos, consensualmente defendido entre o corpo docente e no seio dos órgãos de gestão mas que, apesar dos esforços despendidos por muitos, tardava em se concretizar.

São conhecidas as dificuldades específicas e as limitações que no quadro do ensino politécnico se têm colocado ao desenvolvimento sustentado da investigação científica. Contudo, nesta como noutras escolas de um subsistema novo, foi-se constituindo nos últimos anos um corpo docente numeroso, com uma sólida formação académica e experiência científica,

reforçado por um grupo de especialistas altamente qualificados profissionalmente que, quer num caso quer noutra e face à inexistência de alternativas, foram escoando a sua produção teórica para o conjunto de publicações externas disponíveis nas suas áreas específicas de trabalho. O projecto da revista nasce antes de mais desta vontade autoral, para acolher estes trabalhos e reuni-los doravante numa publicação à qual esteja associado o nome da Escola Superior de Comunicação Social.

À imagem da Escola, a revista *Comunicação Pública* não pretende ser apenas mais um projecto editorial para o campo da comunicação, mas um

espaço de publicação aberto a receber todos os trabalhos de investigação, ensaios teóricos e notas críticas que, independentemente da diversidade de perspectivas, linguagens, contextos e objectivos que os caracterizem, tenham nas formas de comunicação o seu objecto comum.

A escolha do título *Comunicação Pública* pretende dar conta dessa intencionalidade programática. Nomes mais próximos das formas institucionalizadas de designar os fenómenos da comunicação e porventura do seu entendimento comum, seriam menos representativos da identidade do projecto. Noções correntes como

a de "comunicação de massas" ou de "comunicação social", por exemplo, remetem para processos comunicacionais de larga escala caracterizados pela difusão de mensagens de um determinado centro emissor para uma pluralidade de receptores, difusão esta baseada em processos mecânicos e essencialmente electrónicos. De fora são deixados os processos comunicacionais interpessoais e de pequeno grupo inscritos em estratégias de comunicação pública, processos presenciais ou que recorrem a instrumentos de contacto à distância. Áreas como as relações públicas, a comunicação organizacional e grande parte da comunicação

corporativa, não estão, em bom rigor, englobadas em designações deste tipo.

Sob o nome de "comunicação pública" podemos abarcar mais explicitamente não só diferentes contextos de comunicação – interpessoal, grupal, organizacional, comunitário e social – como diferentes escalas de actuação – local, regional, nacional e internacional. E podemos ainda dar maior relevo aos diversos sistemas especializados de actividade que, de uma forma profissional e organizada, repartem entre si a função social de levar até aos tipos de mensagens na contemporaneidade.

Nesta óptica de abertura, procura-se promover o cruzamento multidisciplinar e a diversidade de abordagens e não se privilegia nenhum domínio científico ou paradigma teórico, desde que as análises produzidas possam oferecer um contributo ao desenvolvimento, à compreensão e à construção de uma teoria da comunicação humana. Assumindo que pela sua natureza esta é uma área em que a delimitação de fronteiras é muitas vezes artificial, a *Comunicação Pública* recebe naturalmente contribuições da antropologia, da sociologia, da psicologia, da economia, da história, da filosofia, da linguística, da ciência política, da

matemática e da estatística, da informática e da cibernética para a explicação e a interpretação desse fenómeno consensualmente reconhecido mas dificilmente conhecido que é a comunicação entre os homens. A revista dá igualmente destaque a trabalhos direccionados sobretudo para abordagens comunicacionais mais técnicas e aplicadas, como as oriundas da comunicação organizacional, da comunicação de marketing, do jornalismo, do estudo dos meios, das relações públicas, da publicidade ou das tecnologias audiovisuais e multimédia.

**Comunicação Pública**  
Revista da ESCS nº 1  
Outubro, 2005